

MARIO FRAGA, UM ARTISTA SEM MEDO

A arte contemporânea está cheia de transgressores. Ora, a transgressão, num universo de transgressões, torna-se então conservadora. É incrível como para certos conceitos, quanto mais nos aproximamos deles, mais distantes deles estamos...

Num mundo de tibieza, a coragem se destaca naturalmente. E é essa coragem natural que salta aos olhos na exposição Linhas da Terra de Mário Fraga. Um clássico, num universo de pseudo-transgressões, é um ato de coragem. E não entendam a palavra "clássico" como algo já estabelecido, ultrapassado, ou retrógrado. Aqui, também sem medo de usar essa palavra, entendo-a como a representação de um conjunto que encerra em si aquilo que a arte – e só ela – pode/consegue realizar/dizer: o prazer da fruição estética, o diálogo pacífico ou veemente do nosso *self* com a expressão do artista, discurso eloquente que suscita sucessivas perguntas e respostas polifônicas que se desdobram no nosso quase-inconsciente, visto não possuímos na consciência o espaço necessário para todas essas operações conjuntas, sincrônicas.

Não enganam a sobriedade das formas e a economia dos meios. A presença dessas obras é tão forte, que parecem querer ofuscar aquele que as criou. Não fosse a coerência do conjunto e a tensão harmônica que permeia e sustenta sua construção no espaço luxuoso do Largo das Artes, denunciadoras da mão ou mãe arquitetura que constrói no espaço um outro espaço. Espaço metafísico, onde desaparecem os ruídos da cidade, a iluminação da claraboia, o belo piso de madeira, até mesmo as paredes, e de repente, elevados/enlevados, estamos a sós, flutuando com as obras entre as estrelas do meio dia...

Geometria e abstração às vezes se confundem, mostrando-se como fronteira virtual, inexistente para a arte. Ou para a coragem de expressá-la. O despojamento das formas trazem uma elegância rara de encontrar na arte ocidental. Às vezes, linhas tênues, como fios, vêm nos encantar com sua potência de sustentação, de contenção, meridianos/paralelos de ligação, fios de açopoesia, cuja delicadeza é fruto da coragem, da coragem de ser artista acima de tudo.

Obrigado Mário, por me fazer entender que, definitivamente, a arte é para os corajosos.

Em 30/5/2012

Eurípedes Junior

Museólogo Museu Nacional de Belas Artes RJ